



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA EM ENERGIA E SUSTENTABILIDADE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO CIENTÍFICA, INCLUSÃO E
DIVERSIDADE

**MESTRADO PROFISSIONAL
PRODUTO EDUCACIONAL**

CÍRCULOS DE DIÁLOGOS FORMATIVOS COM EDUCADORES DA EDUCAÇÃO DE
JOVENS E ADULTOS: MÚLTIPLAS POSSIBILIDADES DE ESTUDOS TEMÁTICOS



Prof^a Sarafina Moreira Gomes Carneiro
(Mestranda)

Profa. Dr^a. Idalina Souza Mascarenhas Borghi
(Orientadora)

Profa. Dr^a Aldinete Silvino de Lima
(Co-Orientadora)

APRESENTAÇÃO

Esta proposta de círculos de diálogos formativos foi pensada durante a pesquisa realizada no mestrado profissional vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Científica, Inclusão e Diversidade – PPGECD/ UFRB, intitulada “Avaliação da aprendizagem escolar: concepções de professores que atuam na educação de jovens e adultos”, a qual teve como objetivo compreender as concepções de avaliação mobilizadas pelos educadores da EJA no município de Riachão do Jacuípe-BA, tendo sido elaborada a partir da escuta dos anseios e inquietações apresentados pelos educadores durante as entrevistas e observações das aulas remotas desenvolvidas por 04 (quatro) educadores participantes da pesquisa.

Propomos estudos temáticos sobre a avaliação, considerando-a como um componente do ato pedagógico (LUCKESI, 2011) capaz de contribuir com a aprendizagem dos educandos. Entendemos que, quando assumimos uma perspectiva dialógica, baseada na amorosidade, como representação do compromisso e respeito com os educandos, a avaliação se torna uma possibilidade para a construção da autonomia e libertação social.

Destacamos que a pesquisa mencionada foi realizada numa escola da rede municipal de Riachão do Jacuípe que oferece a Educação de Jovens e Adultos. Com o intuito de garantir o anonimato dos participantes, optamos por denominá-la de *Escola Esperançar*. Os educadores também receberam os nomes fictícios de Amorosidade, Respeito, Ética e Autonomia. A escolha pelos codinomes foi realizada considerando os sentimentos expressados pelos educadores em suas falas durante as observações realizadas, sendo possível perceber empatia para com os educandos na busca da construção do conhecimento.

Enfatizamos que nosso produto educacional seria a elaboração de uma proposta formativa, junto com os educadores, que pudesse contribuir com as práticas educativas e avaliativas na EJA; porém, diante do contexto pandêmico e da impossibilidade de realizarmos encontros para a elaboração de uma proposta formativa coletiva, uma vez que os educadores encontravam-se com intensas horas de trabalho, e tendo ocorrido também o esvaziamento das salas de EJA pelos educandos, elemento que inviabilizou a possibilidade de elaboração de uma proposta formativa com a participação de estudantes e professores, optamos por elaborar uma proposta de círculos de diálogos formativos sobre avaliação para educadores que atuam na EJA, a partir das contribuições dos participantes da pesquisa, elaborando notas, sugestões de leitura e questionamentos na perspectiva de contribuir com a reflexão sobre a avaliação na

EJA. Para esses estudos, ancoramo-nos na perspectiva dialógica, segundo a qual os sujeitos envolvidos assumem-se protagonistas dos seus processos de aprendizagem, aproximando-nos de uma concepção de educação que visa à formação humana.

Os relatos dos educadores e a realidade observada evidenciaram o comprometimento dos educadores para com os educandos e seus processos de aprendizagem, buscando incentivá-los a lutarem por seus direitos: *“dizemos sempre aos nossos estudantes: vocês podem, vocês conseguem! E nós professores temos que lutar para que eles possam acreditar neles mesmos”* (AUTONOMIA, 2020), reconhecendo-os como sujeitos produtores de conhecimento: *“os alunos trazem muita coisa boa, eles sabem muito da vida (...) é um público muito bom para trabalhar, eles vêm com vontade de estudar, de aprender, temos que aproveitar isso”* (RESPEITO, 2020). Os educandos da EJA buscam na escola um espaço de representatividade de seus coletivos, são homens e mulheres com histórias marcadas pelo cerceamento do direito à educação.

Percebemos também o desejo dos educadores de realizarem práticas avaliativas que contemplassem as suas necessidades como sujeitos diversos, e as lacunas deixadas pela ausência de discussões que lhes permitissem refletir sobre as próprias práticas educativas numa perspectiva crítica, histórica, social e cultural convergente com a proposta de Educação de Jovens e Adultos voltada para a emancipação humana. Esse posicionamento ficou evidente na fala da educadora Amorosidade (2020) ao se questionar: *“será que realmente vou atingir a necessidade do aluno? (...) temos que buscar atender as necessidades dos alunos”*. A educadora nos revela o desejo de buscar subsídios para alcançar os objetivos traçados, tendo em vista as aprendizagens dos educandos. A ausência de discussões sobre concepções educativas emancipatórias acaba por condicioná-los a modelos prescritivos e estáticos do ato de avaliar, assumindo-o, em certas circunstâncias, como tarefas estanques e pontuais, reprodutoras de concepções alienantes das práticas educativas.

Nessa perspectiva, acreditamos que, em contraposição às práticas educativas baseadas na reprodução do conhecimento, temos de redimensionar nossa concepção de educação, compreendendo-a como uma possibilidade de enfrentamento ao processo de subalternização das classes populares. Para tanto, é necessário realizar práticas educativas que considerem os sujeitos historicamente constituídos como capazes de compreender, participar e transformar o mundo em que vivem, além de se desprender da visão reducionista do ato de avaliar como verificação do conhecimento acumulado para compreendê-lo como uma possibilidade de construção de aprendizagem e participação ativa, crítica da realidade, numa concepção libertadora. Conforme aponta Freire (2001, p. 78), uma prática libertadora “não é para

encorajar os objetivos do educador e as aspirações e sonhos a serem reproduzidos nos educandos, mas para originar a possibilidade de que os estudantes se tornem donos de sua própria história”, sujeitos cognoscentes.

Assim, destacamos a necessidade de nos aprofundarmos em discussões que apresentem a construção do conhecimento como um ato dinâmico e coletivo, nas quais a participação dos envolvidos aconteça na elaboração do planejamento pedagógico, na escolha dos conteúdos, nos processos avaliativos e numa perspectiva democrática, participativa e dialógica, como forma de contemplar as heterogeneidades e especificidades dos sujeitos da EJA. Nesta dimensão, o ato de educar, conforme idealiza o educador Ética, *“torna-se uma oportunidade de aprender mais sobre o ser humano, sentir o que o ser humano tem de melhor, de pior, suas carências e suas necessidades de mudança”*. E a escola se configura como um espaço de possibilidades para essas mudanças, em meio aos conflitos existentes.

Destacamos que caminhar nessa direção requer a busca pela superação da dicotomia entre teoria e prática, e compreender que o discurso e as ações devem caminhar juntos, numa relação dialógica entre saberes da experiência e saberes científicos em busca da construção de novos conhecimentos. Assim, no ir e vir das ações e reflexões sobre nossa prática, avançaremos na superação do senso comum alimentado pela ingenuidade para o conhecimento epistemológico, alicerçado pela criticidade (FREIRE, 2018).

É necessário refletir criticamente sobre nossas ações educativas, relacionando-as com questões histórico-sociais e buscando promover mudanças em nossas práticas avaliativas, mas com a consciência de que será um processo contínuo e reflexivo, ou seja, não acontecerá no ímpeto do desejo do educador. Faz-se necessária uma tomada gradativa de consciência da realidade, *“pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”* (FREIRE, 2018, p. 40). É justamente este processo que nos inquieta e nos leva a questionar sobre qual o significado do que fazemos, e como poderíamos agir de forma diferente, assumindo assim um posicionamento crítico e reflexivo a partir da própria prática (LIBÂNEO, 2012).

Nessa direção, apresentamos uma sugestão de círculos de diálogos formativos que abordam a avaliação na EJA como uma possibilidade de reflexão sobre os processos de ensino e aprendizagem, valorizando a história de luta e trabalho vivenciada pelos educandos da EJA numa perspectiva crítica e libertadora, vislumbrando a transformação social a favor da dignidade humana, contemplando os aspectos sinalizados pelos educadores, bem como os observados durante as aulas dos participantes.

Objetivamos realizar círculos de diálogos sobre avaliação na EJA, problematizando e relacionando-a com a realidade vivenciada por educandos e educadores da Escola Esperançar. Os estudos serão alicerçados nos princípios da emancipação e justiça social, em vista de dialogar sobre os processos emancipatórios das práticas educativas e avaliativas na Educação de Jovens e Adultos.

Para tanto, tomaremos como referência as ideias de diferentes tempos formativos da Pedagogia da Alternância, a qual se constitui como uma proposta pedagógica que pode facilitar o processo de formação baseado na dialogicidade e problematização do conhecimento, e, a partir da realidade, possibilita a construção de novos saberes a respeito daquela realidade e de sua relação com o todo (CORDEIRO; REIS; HAJE, 2011). Segundo Gimonet (2007), a Pedagogia da Alternância possibilita a relação de saberes entre espaços e tempos formativos, num ciclo dinâmico entre ação-reflexão-ação, implicando situações de aprendizagem ativa, baseadas no diálogo entre os sujeitos em formação e a realidade vivenciada. Nessa dimensão, nós a compreendemos como uma proposta pedagógica que possibilita a percepção do homem como ser integral, complexo, produtor de conhecimento e sujeito capaz de agir sobre o mundo, atuando como protagonista numa constante busca pela autonomia.

Propomos a concretização de uma experiência formativa alicerçada no viés da alternância integrativa (DUFFAURE, 2007), a qual não se restringe a uma relação entre dois pontos específicos, mas realiza uma estreita conexão e interação entre os dois tempos formativos, os quais podem ser denominados como Tempo Teórico Reflexivo (**TTR**) e Tempo Ação-Reflexão (**TAR**). Sugerimos relacionar os saberes teóricos construídos na formação (inicial/continuada) e no exercício da profissão docente e os saberes socialmente produzidos, considerando que a aprendizagem acontece não apenas nos espaços escolares, mas também nas relações sociais, nas vivências e experiências particulares e coletivas, nas relações com o trabalho, na vida. Ademais, “um trabalho reflexivo sobre a experiência que privilegia o projeto pessoal e coloca o formando como ator envolvido em seu meio” (DUFFAURE, 2007, p. 120). Neste sentido, os tempos formativos se articularão entre a teoria, a reflexão e a ação.

Como proposta metodológica, partindo da compreensão dos educadores e educandos como sujeitos protagonistas dos processos de aprendizagens, sugerimos a realização de “Círculos dialógicos”, mediados pela ação-reflexão-ação, no intuito de provocar a participação ativa dos envolvidos de maneira reflexiva, atentando não apenas para a necessidade de refletir e agir sobre os problemas mais imediatos dos processos avaliativos,

como também a busca de uma “apropriação teórico-crítica das realidades em questão, considerando os contextos concretos da ação docente” (LIBÂNEO, 2012, p. 83).

Os textos aqui elencados são sugestões de leituras que abrem possibilidades para um diálogo entre educadores, educandos e a realidade, discussões teóricas que poderão acontecer nos momentos de Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC)¹⁹, no TTR destinado ao estudo formativo.

Sugerimos que sejam organizadas rodas de diálogo para a leitura e discussão dos textos, tomando como base questões problematizadoras previamente elaboradas pelos educadores-educandos ou seguindo as questões dispostas nos quadros de possibilidades de estudo, analisando a temática abordada. Para as rodas de diálogo, vislumbramos a possibilidade de convidar colaboradores externos, firmando parceria com o Programa de Pós Graduação em Educação Científica, Inclusão e Diversidade (PPGECID) e seus mestrandos, associando o conhecimento científico aos saberes socialmente construídos em busca da transformação de realidades. Para o TAR, sugerimos a elaboração de uma proposta de atividade a ser realizada com os educandos, numa tentativa de refletir criticamente sobre a ação, seus desafios, possibilidades e contribuições no/para o processo de aprendizagem dos educandos. As atividades poderão ser socializadas e discutidas com o grupo no próximo TTR.

Com base nos aspectos teórico-metodológicos acima mencionados, e diante da necessidade de abordarmos questões problematizadoras que contemplem as necessidades dos educandos e educadores da *Escola Esperançar*, apresentamos os seguintes temas:

- I. Quem são os sujeitos da EJA, suas especificidades e identidades;
- II. Questões étnico-raciais na EJA;
- III. A avaliação como um ato potencializador dos processos de ensino e aprendizagem;
- IV. O diálogo como princípio formativo de práticas avaliativas numa perspectiva dialógica e libertadora;
- V. O planejamento dos processos avaliativos.

Sugerimos que o estudo dessas temáticas seja realizado de acordo com os círculos formativos propostos. Para cada círculo, apresentaremos sugestões de textos, autores, vídeos ou imagens que contribuam para o processo de reflexão crítica sobre os aspectos abordados. Destacamos que essas temáticas foram pensadas com base na percepção dos participantes da

¹⁹ Denominação criada pela rede municipal de ensino para os encontros semanais dos professores, coordenadores e gestão escolar.

pesquisa acerca dos desafios de avaliar na EJA e nas inquietações que emergiram da observação das aulas.

PRIMEIRO CÍRCULO DE DIÁLOGOS FORMATIVOS:

QUEM SÃO OS SUJEITOS DA EJA, SUAS ESPECIFICIDADES E IDENTIDADES?

Para a realização deste estudo reflexivo, tomamos como ponto de partida a necessidade de conhecer quem são nossos educandos, quais as suas perspectivas, necessidades e desejos; de sabermos de onde vêm, suas histórias e percursos formativos. É importante considerar que os educandos da EJA têm urgência em discutir questões relacionadas à vida humana, ao trabalho, às injustiças sociais. São pessoas que protagonizam histórias de vida reais, trabalhadores com cor, raça, gênero e classe social que buscam a escola como uma possibilidade de desenvolvimento pessoal e social e não devem ser homogeneizados, conforme define Arroyo (2017, p. 24) “A EJA é uma luta por deslocar-se como classe, gênero, raça. Como coletivos. (...) A identidade da educação de pessoas jovens e adultas vem dessa coexistência, encontro, confluência dessas identidades coletivas”. Neste sentido, não podemos deixar que os aspectos identitários sejam desconsiderados; é preciso dar centralidade aos sujeitos da EJA, ouvir suas demandas, valorizar seus saberes, suas culturas e histórias.

Para abordarmos estes aspectos, sugerimos algumas leituras e questões problematizadoras destacando a relevância de relacioná-las com a nossa prática como educadores, num constante movimento entre o agir-refletir-agir que nos permita atuar criticamente sobre a realidade. Sugerimos que, ao finalizar o estudo teórico reflexivo, os educadores construam coletivamente uma proposta de atividade que possa ser realizada com os educandos no TAR na sala de aula, buscando problematizar as questões identitárias e seus percursos formativos como pessoa e ser social. Essa proposta poderá ser socializada e discutida no próximo TTR.

Quadro 03 – Possibilidades de estudos teórico-práticos: a EJA e seus sujeitos

Organização e Problematização inicial:

- Fazer a roda de diálogo para discutir o texto;

<ul style="list-style-type: none"> • Propor uma investigação prévia sobre a visão de mundo dos educandos, suas perspectivas, interesses, vivências; TAR (Tempo Ação- Reflexão); • Construção de quadro síntese das informações coletadas; • Promover uma atividade criativa com os estudantes para construir aproximações com suas realidades (considerar as questões problematizadoras e reflexões construídas no TTR). 		
Texto	Referência	Questões problematizadoras
Passageiros da noite: de onde, para onde?	ARROYO, M. G. Passageiros da noite: do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito a uma vida justa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. (p. 21-40)	Quem são os sujeitos da EJA da Escola Esperançar? Quais trajetórias percorridas? Quais direitos alijados? Sonhos, desejos, anseios, como ouvi-los? Quais condições podemos mobilizar para darmos centralidade aos sujeitos da EJA?
Educação de Jovens e Adultos e questão racial: algumas reflexões.	GOMES, Nilma Lino. Educação de Jovens e Adultos e questão racial: algumas reflexões. In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia; GOMES, Nilma Lino (Org.). Diálogos na Educação de Jovens e Adultos . Belo Horizonte: Autêntica, 2011. (p. 87-104)	Que identidades sociais, raciais e de gênero se fazem presentes nas turmas da EJA na Escola Esperançar? Quais possibilidades de experiências com os educandos podem contribuir para superar uma visão estigmatizada e negativa relacionada à raça, gênero e classe social e contribuem para se reconhecerem como sujeitos de direito com possibilidade de construir novos percursos? O preconceito de gênero e etnia atinge a todos? Como moramos? Como estudamos? Que profissões temos na EJA? Qual a raça/cor da EJA da <i>Escola Esperançar</i> ? (Usar dados do censo

		escolar disponível na Secretaria de Educação do Município). Como podemos problematizar as questões étnico-raciais nesses espaços?
Educação de Jovens e Adultos: um campo de direitos e responsabilidade pública.	ARROYO, Miguel Gonzáles. Educação de Jovens e Adultos: um campo de direitos e responsabilidade pública. In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia; GOMES, Nilma Lino (Org.). Diálogos na Educação de Jovens e Adultos . Belo Horizonte: Autêntica, 2011. (p.19-50)	Qual o retrato da EJA na <i>Escola Esperançar?</i> Quais especificidades constituem as turmas da EJA da <i>Escola Esperançar?</i> Como o poder público vem se posicionando em relação à EJA e em quais aspectos deixa a desejar?
<p>Sugestão de vídeos:</p> <p>EJA na Diversidade - Jane Paiva (PARTE 1), disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=1ELU3v_cR04</p> <p>EJA na Diversidade - Jane Paiva (PARTE 2), disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=w_1CPMHPbHA</p> <p>Educação de Jovens e Adultos - Jane Paiva. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=MmzfrUtn008</p>		

SEGUNDO CÍRCULO DE DIÁLOGOS FORMATIVOS:

QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS NA EJA

Tecer diálogos sobre a Educação de Jovens e Adultos e os sujeitos que a constituem requer uma discussão sobre as questões étnico-raciais como elemento constitutivo desse coletivo. Um debate fundamental para a compreensão de um processo histórico de negação de direitos básicos à população negra, dentre eles o da educação. A Educação de Jovens e Adultos precisa materializar uma política pública afirmativa de inclusão social, e também se configura como um movimento de luta, com uma proposta educadora que dá força e legitimidade aos embates por uma sociedade mais justa e menos opressora.

Conforme destaca Gomes (2011, p. 90), “pensar a realidade da EJA é pensar a realidade de jovens e adultos, em sua maioria negros, que vivem em um processo de exclusão social e racial”. Problematizar as questões étnico-raciais fortalece a luta contra o racismo e dá visibilidade a questões que agridem o ser humano e perpetuam a opressão, o silenciamento e a subalternização de um povo.

Para tecermos diálogos sobre essas questões, sugerimos a discussão de alguns textos, abaixo elencados, questões problematizadoras e análise do perfil étnico-racial dos estudantes da EJA através dos gráficos dispostos no quadro abaixo. Destacamos a relevância de relacioná-las com o nosso contexto realizando reflexões sobre como, na posição de educadores, educandos e cidadãos, podemos contribuir para uma educação antirracista, realizando um movimento dinâmico entre a ação-reflexão-ação, que nos permita atuar criticamente sobre a realidade. Sugerimos que, ao finalizar o estudo teórico reflexivo, os educadores construam coletivamente uma proposta de atividade que possa ser realizada com os educandos no TAR, buscando problematizar as questões étnico-raciais e sua trajetória como pessoa e ser social. Essa proposta poderá ser socializada e discutida no próximo TTR.

Quadro 04 – Possibilidades de estudos teórico-práticos: questões étnico-raciais na EJA

Organização e Problematização inicial:

- Fazer a roda de diálogo para discutir o texto;
- Realizar uma análise sobre o perfil dos estudantes da EJA da *Escola*

Esperançar, observando as histórias que se cruzam, as vivências e os aspectos relacionados à classe, gênero e raça;

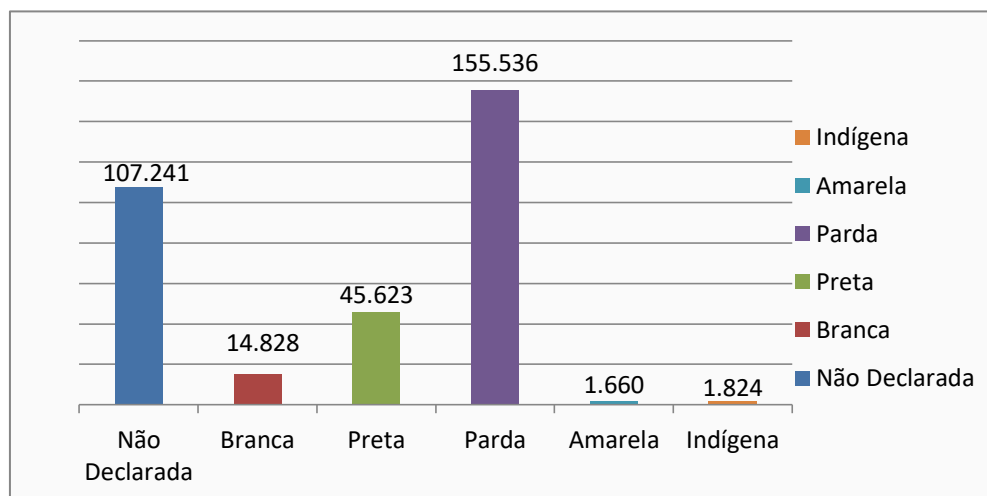
- Escolha dos textos e questões problematizadoras, pensar em estratégias de leitura dinâmicas que facilitem as discussões (TTR);
- Realizar uma análise dos gráficos disponibilizados e refletir sobre a questão da racialização, ficando a critério do coletivo de professores pensar sobre a possibilidade de trabalhar a questão com os estudantes (TAR);
- Elencar com os educandos possíveis temáticas sobre as questões étnico-raciais que desejam trabalhar (Podem ser usadas temáticas apresentadas no livro de Djamila Ribeiro (2019) - *Pequeno manual antirracista*), aspectos da cultura negra/autores negros/os privilégios da branquitude/o negro na política, nas artes, na educação...)

Texto	Referência	Questões problematizadoras
Informe-se sobre o racismo.	RIBEIRO, Djamila. Pequeno manual antirracista . 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. (p.17 a 23)	Como compreendemos o racismo? Como ele se apresenta em nossa sociedade? Ele está presente em nosso cotidiano? Ele está presente no contexto da <i>Escola Esperançar</i> ? Se sim, quais situações vivenciadas revelam expressões e ações de cunho racial? E nós? O que temos feito ou podemos fazer pela luta antirracista?
Enxergue a Negritude	RIBEIRO, Djamila. Pequeno manual antirracista . 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.	Observando o contexto local, é possível perceber representatividade das pessoas negras nos espaços de poder, destaque em nossa Escola? Comunidade? País? Como podemos fortalecer a representatividade das pessoas negras nesses espaços?
Raça e Racismo	ALMEIDA, Silvio Luiz de. Racismo Estrutural .	Quais aspectos do racismo estrutural atingem os educandos da EJA da

	São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. (p. 24 a 57)	<p><i>Escola Esperançar?</i></p> <p>Como podemos problematizar as questões estruturais da nossa sociedade, com nossos educandos?</p> <p>Qual a relação do racismo estrutural com as questões contemporâneas?</p> <p>A condição de vida das pessoas negras é reflexo da estrutura social em que estamos inseridos?</p>
Educação de Jovens e Adultos e questão racial: algumas reflexões.	GOMES, Nilma Lino. Educação de Jovens e Adultos e questão racial: algumas reflexões. In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia; GOMES, Nilma Lino (Org.). Diálogos na Educação de Jovens e Adultos . Belo Horizonte: Autêntica, 2011. (p. 87-104)	<p>Quais identidades sociais, raciais e de gênero se fazem presentes nas turmas da EJA na <i>Escola Esperançar?</i></p> <p>Quais possibilidades de experiências com os educandos podem contribuir para superar uma visão estigmatizada e negativa relacionada à raça, gênero e classe social e que contribuem para se reconhecerem como sujeitos de direito com possibilidade de construir novos percursos?</p> <p>O preconceito de gênero e etnia atinge a todos?</p> <p>Como moramos? Como estudamos?</p> <p>Que profissões temos na EJA?</p> <p>Qual a raça/cor da EJA da <i>Escola Esperançar?</i> (Usar dados do censo escolar disponível na Secretaria de Educação do Município).</p> <p>Como podemos problematizar as questões étnico-raciais nesses espaços?</p>

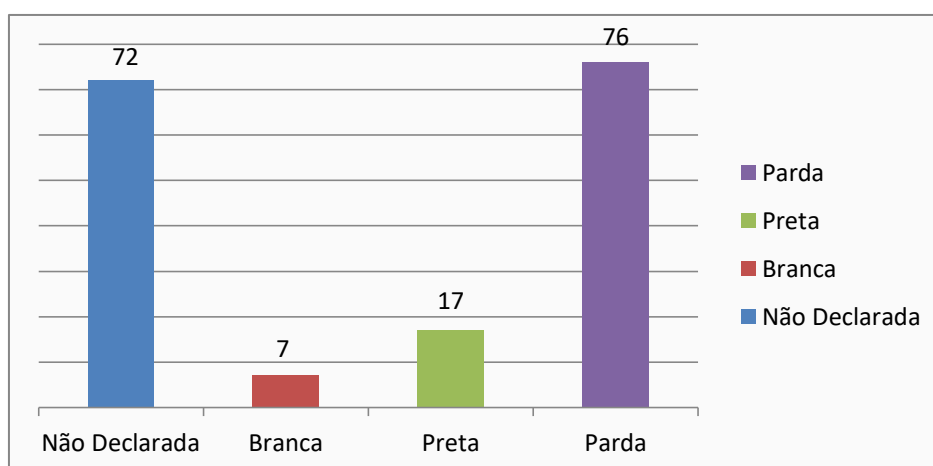
Análise de gráficos:

Gráfico 01 – Número de matrícula da EJA na Educação Básica – BA/ ano 2020 por cor/raça na Bahia



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do INEP (2021).

Gráfico 02 – Alunos matriculados na EJA – Riachão do Jacuípe – BA, 2020 – Tempos Formativos I e II



Fonte: Elaboração própria (2021).

Questões problematizadoras:

- Diante da análise e comparação dos dados presentes nos gráficos acima, qual o perfil dos estudantes da EJA no Estado da Bahia? E na *Escola Esperançar*?
- Qual seria o provável motivo da não declaração da cor/raça por um número

tão elevado de estudantes?

- Como poderíamos abordar as questões étnico-raciais nesses espaços?

TERCEIRO CÍRCULO DE DIÁLOGOS FORMATIVOS:

A AVALIAÇÃO COMO UM ATO POTENCIALIZADOR DOS PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Diante da possibilidade de propormos um estudo crítico-reflexivo sobre a avaliação na Educação de Jovens e Adultos, torna-se necessário ressaltar que “em cada conceito de avaliação subjaz uma determinada concepção de educação” (ROMÃO, 2008, p. 56). Assim, compreendemos que as concepções de avaliação mobilizadas pelos educadores refletem ideais pedagógicos construídos em seu percurso formativo, podendo mobilizar práticas avaliativas numa perspectiva voltada para a classificação e verificação da aprendizagem, ou direcioná-las para uma perspectiva dialética, a qual concebe a avaliação da aprendizagem como uma possibilidade de redirecionar prática pedagógica, tendo em vista o avanço e o crescimento do educando, a construção da autonomia e a transformação social. Para Vasconcelos (2008), a avaliação, nesta concepção, é compreendida como um processo necessário à existência humana, que implica reflexões sobre a realidade, sobre seus processos educacionais, tendo como referência o próprio educando na busca pela superação das dificuldades, relacionado os conhecimentos escolares aos aspectos que constituem sua vida como ser social e humano, concepção esta que dialoga com a perspectiva de emancipação humana defendida pela Educação de Jovens e Adultos que busca a justiça social.

Diante da proposta de realizar estudos reflexivos sobre as concepções de avaliação da aprendizagem que atendam às especificidades da EJA, considerando o conhecimento construído através do estudo das literaturas, fruto das pesquisas realizadas sobre a temática e das experiências vivenciadas pelos sujeitos da pesquisa (pesquisador e participantes), sugerimos o estudo de textos que abordem a avaliação da aprendizagem a partir “da realidade concreta, para organizar a reflexão sobre ela e, em seguida, intervir nessa mesma realidade, de modo mais consistente, no sentido de mudança do sentido dos processos em benefício da maioria dos envolvidos” (ROMÃO, 2008, p. 64). Ou seja, uma concepção dialógica, pensando sobre quem são os nossos educandos, suas histórias e trajetórias de vida, seus

desejos e as motivações que os trouxeram de volta à sala de aula. Conforme apresenta a educadora Autonomia,

Na hora de avaliar a EJA, a gente tem que ter um horizonte mais amplo, não é só avaliar os conteúdos, isso é muito limitante, a gente tem que levar em consideração todo o conhecimento de mundo que eles têm, eles não ficaram estagnados no tempo, eles construíram aprendizagens ao logo destes anos.

Ampliar os horizontes significa considerar a diversidade dos sujeitos presentes na sala de aula, respeitando suas individualidades, sua luta pela reafirmação como sujeitos de direitos. Significa entender que esses sujeitos não deixaram de construir aprendizagens por não terem um percurso escolar contínuo; eles são sujeitos do trabalho, que produziram conhecimento ao longo da sua vida e que, ao retornarem para a escola, acreditam numa possibilidade de mudança da sua condição social, um caminho para a libertação.


Para estudos baseados nesta concepção, sugerimos a leitura de alguns textos, relacionados no quadro abaixo, buscando realizar reflexões críticas a respeito das realidades apresentadas no contexto da *Escola Esperançar*. Neste sentido, torna-se imprescindível relacioná-las com a nossa prática como educador, tomando como base o movimento entre ação-reflexão-ação na busca por criar possibilidades de atuarmos ativa e criticamente sobre a realidade observada. Sugerimos que, ao finalizar o estudo teórico reflexivo, os educadores construam coletivamente uma proposta de atividade que possa ser realizada com os educandos no TAR na sala de aula, buscando problematizar e refletir sobre a avaliação da aprendizagem, partindo da realidade concreta, tendo em vista a necessidade de intervir conscientemente sobre ela, no sentido de provocar mudanças que contribuirão para a construção da aprendizagem. Essa atividade poderá ser socializada e discutida no próximo TTR.

Quadro 05 – Possibilidades de estudos teórico-práticos: a EJA e a avaliação

Organização e Problematização inicial:

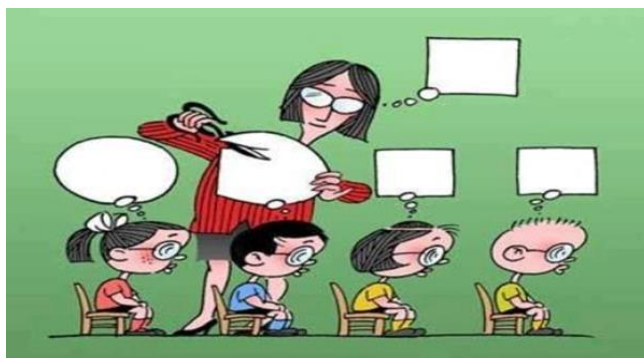
- Fazer a roda de diálogo para discutir os textos;
- Fazer uma avaliação da atividade realizada com os educandos (TAR), discutindo os aspectos positivos e negativos, e as possíveis contribuições para a construção e fortalecimento da identidade e pertencimento étnico-racial;
- Discussão dos textos sugeridos;

<ul style="list-style-type: none"> • Elaborar uma atividade avaliativa contemplando a perspectiva da concepção de avaliação que contemple as especificidades da EJA (considerar as questões problematizadoras e reflexões construídas no TTR). 		
Texto	Referência	Questões Problematizadoras
O ato de avaliar a aprendizagem como componente do ato pedagógico	LUCKESI, Cipriano C. Avaliação da aprendizagem: componente do ato pedagógico. 1 ed. São Paulo: Cortez, 2011 (p. 147-178)	Qual minha compreensão sobre avaliação da aprendizagem? Minhas práticas avaliativas assumem qual perspectiva de avaliação? Quais os reflexos da avaliação na vida dos educandos? Os processos avaliativos mobilizados contribuem para a aprendizagem dos sujeitos envolvidos?
Concepção dialética libertadora do processo de avaliação escolar: II-Questão metodológica III-Análise do Problema	VASCONCELOS, Celso dos Santos. Avaliação: concepção dialética libertadora do processo de avaliação escolar. São Paulo: Libertad, 2008. (p. 23-50)	Qual perspectiva de avaliação acredito ser coerente à EJA? Qual avaliação acontece de fato nas turmas da EJA da <i>Escola Esperançar</i> ? O que desejamos com a avaliação? O que fazer para alcançar o processo avaliativo desejado? A favor de quem avaliamos? Minhas práticas avaliativas contribuem para qual projeto de sociedade?
Concepção de avaliação dialógica	ROMÃO, José Eustáquio. Avaliação dialógica: desafios e perspectivas. 7ªed. São Paulo: Cortez, Instituto Paulo Freire, 2008. (p. 87-100)	A minha concepção de avaliação se aproxima da concepção dialógica? Minhas práticas avaliativas contribuem para a formação do educando como cidadão? Em que minhas ações avaliativas se distanciam dessa perspectiva? Meus educandos participam das decisões sobre seus processos avaliativos? Preocupo-me em transmitir

		conhecimentos ou em construí-los através da troca de experiências? Busco compreender a realidade para pensar em mudanças?
<p>Sugestão de vídeos :</p> <p>Avaliação dialógica como norteadora da ação docente. José Eustáquio Romão. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=IynDeH3iLFU</p> <p>Celso Vasconcellos - Avaliação Diagnóstica no início do processo. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=XbKCleKlaH8</p> <p>Sugestão de imagens para refletirmos sobre os processos avaliativos:</p> <p>Figura 01 – Avaliação homogeneizadora</p>  <p>Fonte: Blog Geografia visual²⁰</p>		

²⁰ Disponível em: <https://geografiavisual.com.br/noticias/novas-tecnologias-novas-possibilidades-de-avaliacao-da-aprendizagem>. Acesso em: 13 jul. 2021.

Figura 02 – Avaliação reguladora



Fonte: Blog do prof. João Martins²¹

QUARTO CÍRCULO DE DIÁLOGO FORMATIVO:

O DIÁLOGO COMO PRINCÍPIO FORMATIVO EM PRÁTICAS AVALIATIVAS NUMA PERSPECTIVA LIBERTADORA

Há turmas que gostam de participar, que sugerem, fazem críticas bastante construtivas (...) que buscam além, sugerem assuntos, conteúdos (RESPEITO, 2020).

Realizar uma reflexão crítica sobre o diálogo como princípio formativo em práticas avaliativas libertadoras constitui-se como ação indispensável, uma vez que é a partir do diálogo que as relações sociais se tornam democráticas e participativas, possibilitando aos sujeitos a troca de saberes, a construção da autonomia, o exercício da amorosidade, da confiança e do respeito. Ou seja, o diálogo se mostra como elemento necessário para uma educação que busca romper com os esquemas verticais de uma educação que desumaniza e silencia, uma educação bancária (FREIRE, 2020).

²¹ Disponível em: <https://profomar.wordpress.com/tag/jussara/>. Acesso em: 13 jul. 2021.

Dialogar significa provocar a participação dos educandos-educadores e educadores-educandos como protagonistas da sua história, possibilitar que apresentem suas verdades, sua realidade, que critiquem e questionem a realidade imposta. Ao assumirmos uma concepção dialógica, direcionamo-nos para a construção da autonomia numa perspectiva político-social, pela qual o sujeito se insere no mundo de forma ativa e consciente como produtor do conhecimento, conforme afirma Freire (2018, p. 53): “minha presença no mundo não é a de quem apenas se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da história”. Para tanto, faz-se necessário mobilizar práticas educativas que considerem o constante processo de transformação vivenciado pelo homem e as aprendizagens por eles construídas como ponto de partida para uma educação que contribua para a emancipação humana.

Nessa direção, o educador assume uma concepção libertadora, que acredita no sujeito capaz de conhecer e aprender com o outro e, assim, problematizar o mundo. Uma postura que busca a superação do estado adormecido, docilmente elaborado pelo acúmulo de informações para a construção do pensamento crítico e reflexivo em busca de compreender realidades e superar paradigmas, isto é, uma práxis libertadora: “Uma reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo” (FREIRE, 2020, p. 52).

Como sugestão de estudo, nessa perspectiva, elencamos alguns textos e imagens que nos direcionam para essas reflexões, destacando a relevância de buscarmos relacioná-las com a nossa prática de educadores, num constante movimento entre o agir-refletir-agir que nos permita problematizar as condições de existência humana. Ao finalizar o estudo teórico reflexivo, propomos que os educadores construam coletivamente uma proposta de atividade que possa ser realizada com os educandos no TAR na sala de aula, buscando problematizar e refletir sobre o diálogo como princípio formativo em práticas avaliativas libertadoras. Essa atividade poderá ser socializada e discutida no próximo TTR.

Quadro 06 – Possibilidades de estudos teórico-práticos: o diálogo

Organização e Problematização inicial:

- Organizar a roda de diálogo para discutir o texto;
- Fazer uma avaliação da atividade realizada com os educandos no TAR, discutindo os aspectos positivos e negativos, destacando quais os pontos que convergiram para uma concepção de avaliação na

<p>perspectiva da emancipação e construção da autonomia;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Discussão dos textos sugeridos; • Escolher um tema gerador a partir de fatos vivenciados pelos educandos que marcaram sua história como cidadãos; • Promover uma roda de diálogo com os educandos, sugerindo a elaboração de questionamentos sobre aspectos da realidade, contemplando o tema gerador escolhido. Provocar questionamentos e discussões sobre os aspectos abordados pelos educandos, buscando dialogar com suas vivências; • Considerar as questões problematizadoras e reflexões construídas no TTR. 		
Texto	Referência	Questões problematizadoras
<p>A Concepção “bancária” da Educação como instrumento da opressão. Seus pressupostos, sua crítica. (p.79-94)</p>	<p>FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 2020. p. 256.</p>	<p>Como posso caracterizar práticas avaliativas numa perspectiva bancária?</p> <p>Quais os objetivos por trás da perspectiva bancária?</p> <p>Como posso caracterizar práticas avaliativas numa perspectiva libertadora?</p> <p>Quais os objetivos por trás da perspectiva libertadora?</p> <p>Como poderíamos conceituar o diálogo numa concepção problematizadora?</p> <p>As práticas educativas mobilizadas nas turmas da EJA se aproximam de que concepção? Bancária? Libertadora? Outras? Quais?</p>
<p>Prática Docente: Primeira reflexão</p>	<p>FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática</p>	<p>“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção” (FREIRE, 2018, p. 24). Partindo</p>

	educativa. 56 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.	desta reflexão, podemos questionar: as práticas avaliativas mobilizadas nas turmas da EJA possibilitam a construção do conhecimento pelos educandos? Elas dialogam com as especificidades desses sujeitos? Podemos promover um diálogo concreto entre escola-educando e realidade?
Ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinho, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo. (p. 95-110)	FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido . São Paulo: Paz e Terra, 2020. p. 256.	Qual minha percepção do diálogo nos processos de aprendizagem? Como ele se apresenta na relação educador-educando-escola-mundo, nas turmas da EJA da <i>Escola Esperançar</i> ? Como posso problematizar práticas educativas que possibilitem aos educadores e educandos se perceberem como sujeitos produtores de conhecimento?
Educação Dialógica e diálogo. (p.110)	FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido . São Paulo: Paz e Terra, 2020. p. 256.	Amor? Qual a concepção do amor numa perspectiva libertadora? Como materializar o amor nas práticas educativas? Como posso dialogar, se me fecho à contribuição dos outros, que jamais conheço, e até me sinto ofendido com ela? (FREIRE, 2020, p. 112). Nossa proposta de trabalho permite a participação e escuta dos educandos? Como poderíamos definir a

		amorosidade? Ela se corporifica em nossas práticas?
--	--	---

Sugestões de Imagens para leitura e problematização do diálogo:

Figura 03 – O diálogo como possibilidade de construção coletiva



Fonte: Site pessoal de Paulo Rená²²

Figura 04 – Educação é diálogo!



Fonte: Site Prezi²³

²² Disponível em: <https://hiperficie.wordpress.com/2013/07/04/dialogo-por-paulo-freire/>. Acesso em: 20 jul. 2021.

²³ Disponível em: <https://prezi.com/ucwvvr7ycdxe/paulo-freire-e-o-conceito-de-dialogo-na-contemporaneidade/?frame=079acb0b00d21e7d7daf81271cb810743c80345b>. Acesso em: 20 jul. 2021.

QUINTO CÍRCULO DE DIÁLOGOS FORMATIVOS:

O PLANEJAMENTO DOS PROCESSOS AVALIATIVOS

Gostaria que o planejamento fosse como deveria ser, um planejamento coletivo e com base nos eixos, isso nunca aconteceu, tenho mais de 10 anos na EJA, e o máximo que fazemos é selecionar os aspectos no coletivo (AUTONOMIA, 2020).

Para o estudo desta temática, partimos da compreensão de que o planejamento dos processos avaliativos na EJA que objetivam o desenvolvimento da consciência crítica, autonomia, transformação e libertação social dos educandos apresenta-se como uma ação pedagógica capaz de organizar ações que possibilitam o enfrentamento às concepções avaliativas que uniformizam, classificam e reproduzem modelos pedagógicos alienantes.

Nessa dimensão, acreditamos que planejar a avaliação na EJA é pensar com os educandos a sua vida, seus objetivos, articulando-os com a realidade que vivenciam, intencionando modificá-la. Para tanto, é necessário que o planejamento seja realizado coletivamente, abrindo espaço para o diálogo e a participação dos sujeitos envolvidos, dando centralidade aos educandos e ao seu conhecimento socialmente construído, reconhecendo-os como protagonistas do processo formativo e valorizando seus saberes, cultura, valores e identidades como elementos fundamentais às práticas educativas baseadas na dialogicidade do processo da construção e reorientação do trabalho educativo com propósitos emancipatórios, conforme sugere a Política da EJA (BAHIA, 2009). Apresentando as diferenças, singularidades, e diversidade como elementos positivos e potencializadores da identidade coletiva destes sujeitos.

Assim, propomos um estudo reflexivo do planejamento dos processos avaliativos como uma atividade permanente de reflexão e ação, um processo contínuo de conhecimento e análise de uma realidade em busca de alternativas para a solução de problemas e redirecionamento das ações (LIBÂNEO, 2001), pensando o futuro a partir de um presente que reflete o passado. Defendemos também o planejamento como uma atividade política, espaço

para a discussão sobre as relações sociais, contextos, expectativas e interesses; momento de falar com o educando, escutá-lo, numa relação dialógica, baseada na interação, na troca e compartilhamento de saberes, visando à luta por seus direitos (PADILHA, 2001).

Nessa direção, sugerimos o estudo de textos que nos direcionem a refletir criticamente sobre: para quem planejamos nossas práticas educativas e avaliativas? Quais intenções estão presentes? Quais contribuições trarão para o processo de aprendizagem dos educandos e para sua formação como cidadão?

Ao finalizar este estudo teórico reflexivo, como nas etapas anteriores, os educadores poderão construir coletivamente uma proposta de planejamento que aborde questões emergentes do contexto da *Escola Esperançar*, e que possa ser realizado com os educandos no TAR na sala de aula, buscando problematizar e refletir sobre o planejamento como uma atividade permanente de reflexão e ação, um processo contínuo de conhecimento e análise de uma realidade em busca de alternativas para a solução de problemas e redirecionamento das ações (LIBÂNEO, 2001). Essa atividade poderá ser socializada e discutida no último TTR, momento em que poderão realizar uma avaliação dialógica sobre as etapas formativas realizadas, pensando em sistematizar a experiência vivenciada como uma possibilidade de ampliar os diálogos formativos.

Quadro 07 – Possibilidades de estudos teóricos – Planejamento e Avaliação

Organização e Problematização inicial:

- Fazer a roda de diálogo para discussão dos textos;
- Fazer uma avaliação da atividade realizada com os educandos, discutindo os aspectos positivos e negativos, apresentado os temas geradores selecionados pelos educandos, refletindo sobre os aspectos que se destacaram, as semelhanças entre as problemáticas elaboradas, e como se estabeleceu o diálogo entre os saberes escolares e os saberes socialmente produzidos;
- Discussão dos textos sugeridos;
- A partir dos temas geradores elaborados por educadores e educandos no TAR, elaborar coletivamente um planejamento que aborde as questões sinalizadas pelos educandos;
- Considerar as questões problematizadoras e reflexões construídas no TTR.

Texto	Referência	Questões problematizadoras
<p>É decidindo que se aprende a decidir.</p>	<p>PADILHA, Paulo Roberto. Planejamento dialógico: como construir o projeto político pedagógico da escola. São Paulo: Cortez, Instituto Paulo Freire, 2001. (p. 15-27)</p>	<p>Qual escola temos e qual escola queremos?</p> <p>Nosso planejamento é pensado para a emancipação dos educandos e educadores ou para a manutenção e reprodução de um modelo social?</p> <p>Como podemos mobilizar os educandos da <i>Escola Esperançar</i> a participarem dos processos de planejamento?</p>
<p>Ensinar é uma especificidade Humana.</p>	<p>FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. 56 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018. (p. 89-94)</p>	<p>Nossos educandos são a centralidade das nossas ações, são protagonistas do seu conhecimento?</p> <p>Os conteúdos trabalhados atendem às especificidades dos educandos?</p> <p>Os educandos participam das decisões sobre seu processo de aprendizagem?</p> <p>A esfera administrativa respeita o direito dos educandos e educadores de indagarem, criticarem e opinarem?</p> <p>Como podemos mobilizar práticas problematizadoras?</p>

Repercussão para o Projeto de Ensino-aprendizagem.	VASCONCELOS, Celso dos Santos. Planejamento: Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político Pedagógico. São Paulo: Libertad, 2002. (p. 106-112)	Quem sou, como educador? Quem é meu educando? O que desejamos? Qual a nossa realidade? Qual o nosso objetivo?
Política de EJA da Rede Estadual.	BAHIA. EJA, Educação de Jovens e Adultos: aprendizagem ao longo da vida. Secretaria de Educação do Estado da Bahia, 2009.	O Projeto Político Pedagógico da <i>Escola Esperançar</i> contempla as orientações da Política de EJA, nos aspectos teóricos-metodológicos? Quais são as aproximações e os distanciamentos existentes entre a concepção da EJA da <i>Escola Esperançar</i> e a concepção proposta pela Política de EJA do Estado da Bahia?

Sugestão de Charge para problematizar o planejamento na EJA:

Figura 05 – Conteúdo X Realidade

Os conteúdos trabalhados atendem às especificidades dos educandos?



Fonte: Site Qnconcursos²⁴

Figura 06 – Educação problematizadora? Será?



Fonte: Site Qnconcursos²⁵

AVALIAÇÃO DOS CÍRCULOS DE DIÁLOGOS FORMATIVOS

Para avaliar os momentos de diálogo e reflexão sobre as práticas educativas e avaliativas dos estudos teóricos sugeridos, relacionando-os e confrontando-os com realidade vivenciada por educandos e educadores da Educação de Jovens e Adultos, sugerimos que sejam registrados os pontos observados e discutidos estabelecendo como critérios: a compreensão da realidade da EJA; a relação entre teoria, as experiências e saberes socializados durante os diálogos formativos, tendo em vista estabelecer estratégias de

²⁴ Disponível em: https://www.qnconcursos.com/questoes-de-concursos/questoes?migalha=true&modo=1&order=id+asc&page=14&per_page=5&product_id=1&prova=55497&url_solr=master&user_id=0. Acesso em: 30 ago. 2021.

²⁵ Disponível em: https://www.qnconcursos.com/questoes-de-concursos/questoes?migalha=true&modo=1&order=id+asc&page=14&per_page=5&product_id=1&prova=55497&url_solr=master&user_id=0. Acesso em: 30 ago. 2021.

planejamento; a elaboração e/ou reelaboração de ações educativas que objetivem a aprendizagem dos educandos tendo em vista a transformação de realidades. Neste sentido, sugerimos também uma sistematização da experiência formativa como uma possibilidade de compartilhar as reflexões e ações realizadas, e de ampliar os diálogos formativos.

Sabemos que, diante da amplitude do desafio de realizar práticas educativas numa perspectiva libertadora, este é apenas um passo nessa direção. Mas consideramos que, para caminhar nesse sentido, é necessário refletir e questionar nossas práticas educativas, reconhecendo que para ter uma educação que visa à justiça social e à garantia de direitos a quem eles foram negados, é necessário compreender a escola e as relações nela estabelecidas como um espaço de fortalecimento democrático e participativo. Destacamos que essa proposta foi pensada com os professores da escola esperançar, conectada com a realidade da instituição, mas que pode ser desenvolvida em outras realidades, cabendo aos mediadores e participantes considerarem as demandas dos sujeitos da EJA.

REFERÊNCIAS

- ARROYO, Miguel Gonzáles. Educação de Jovens e Adultos: um campo de direitos e responsabilidade pública. In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia; GOMES, Nilma Lino (Org.). **Diálogos na Educação de Jovens e Adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- ARROYO. M. G. **Passageiros da noite**: do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito a uma vida justa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- BAHIA. **EJA, Educação de Jovens e Adultos**: aprendizagem ao longo da vida. Secretaria de Educação do Estado da Bahia, 2009.
- CORDEIRO, Georgina N. K.; REIS, Neila Silva; HAGE, Salomão Mufarrej. Pedagogia da Alternância e seus desafios para assegurar a formação humana dos sujeitos e a sustentabilidade do campo. **Em Aberto**. Brasília, v. 24, n. 85, p. 115-125, abr. 2011. Disponível em: <https://ufrb.edu.br/educacaodocampocfp/images/PEDAGOGIA-DA-ALTERN%C3%A2NCIA-E-SEUS-DESAFIOS.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2021.
- DUFFAURE, André. Os contornos e os componentes da Pedagogia da Alternância. In: GIMONET, Jean-Claude. **Praticar e compreender a Pedagogia da Alternância dos CEFFAs**. Petrópolis, RJ: Vozes, Paris: AIMFR- Associação Internacionl dos Movimentos Familiares de Formação Rural, 2007.
- GIMONET, Jean-Claude. **Praticar e compreender a Pedagogia da Alternância dos CEFFAs**. Petrópolis, RJ: Vozes, Paris: AIMFR- Associação Internacionl dos Movimentos Familiares de Formação Rural, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 25. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 56 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 73 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

GOMES, Nilma Lino. Educação de Jovens e Adultos e questão racial: algumas reflexões. In: SOARES, Leônicio; GIOVANETTI, Maria Amélia; GOMES, Nilma Lino (Org.). **Diálogos na Educação de Jovens e Adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

LIBÂNEO, José Carlos. Reflexividade e formação de professores: outra oscilação do pensamento pedagógico brasileiro? In: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (Orgs.). **Professor reflexivo no Brasil**: gênese e crítica de um conceito. São Paulo: Cortez, 2012.

LUCKESI, Cipriano C. **Avaliação da aprendizagem**: componente do ato pedagógico. 1 ed. São Paulo: Cortez, 2011

PADILHA, Paulo Roberto. **Planejamento dialógico**: como construir o projeto político pedagógico da escola. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2001.

ROMÃO, José Eustáquio. **Avaliação dialógica**: desafios e perspectivas. 7 ed. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2008.

VASCONCELOS, Celso dos Santos. **Avaliação**: concepção dialética libertadora do processo de avaliação escolar. São Paulo: Libertad, 2008.

VASCONCELOS, Celso dos Santos. **Planejamento**: Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político Pedagógico. São Paulo: Libertad, 2002.